

UMA EXPERIÊNCIA NA INICIAÇÃO A DOCÊNCIA: O VESTIBULAR E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Aurelinda Bomfim de Souza¹

Carlos Roberto Moreira de Souza Marinho²

Antonieta Miguel³

Resumo:

Durante a atuação no PIBID (Programa de Iniciação à Docência) no ano de 2014 em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Tereza Borges de Cerqueira, na cidade de Caetité-BA, constatou-se uma crescente preocupação por parte da Direção e Educadores da instituição quanto as aprovações dos alunos nos vestibulares. Diante desta constatação, os bolsistas do subprojeto PIBID/História - UNEB “A Formação Inicial do Professor de História e sua atuação na Escola Básica: o ofício do historiador na docência”, promoveram uma investigação parcial sobre a apropriação do conhecimento histórico pelos alunos, partindo da seguinte indagação: Os alunos apenas memorizam os conhecimentos estudados com objetivo de aprovação nos vestibulares ou assimilam através destes, orientações para sua vida? Para tal criou-se um projeto que dividiu o trabalho em três estágios; primeiro, as aulas foram observadas, para análise do método de ensino utilizado pelo professor seguido da aplicação de questionários fechados aos alunos, para que se pudesse criar um perfil da turma em questão. Na segunda etapa, deu-se a criação de um método em que professor e bolsistas pudessem trabalhar juntos, por meio de intervenções pedagógicas específicas. Por fim, o desempenho dos alunos e dos mediadores foi avaliado após cada semestre e respostas pedagógicas foram criadas para as novas dificuldades apresentadas pelos alunos. Este trabalho objetiva apresentar os resultados obtidos durante os dois semestres de 2014, através da verificação e análise dos dados, comparando-os e discutindo-os com a Didática da História a fim de compreender a relação entre as aprovações no vestibular e a consciência histórica.

Palavras-chave: Conhecimento Histórico. Vestibular. Consciência Histórica

¹Graduanda do curso de Licenciatura em História – UNEB – Campus VI – Caetité. E-mail: lela_cle@hotmail.com

²Graduando do curso de Licenciatura em História – UNEB – Campus VI – Caetité. E-mail: crmarinho@uneb.br

³Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia - (DCH-VI), Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1991), Especialização em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (2000). E-mail: antonietamiguel40@yahoo.com.br

Introdução:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) para o ensino de História, afirmam que “A contribuição mais substantiva da aprendizagem da História é propiciar ao jovem situar-se na sociedade contemporânea para melhor compreendê-la”. No entanto, a aprovação nos vestibulares parece ser o objetivo mais desejado tanto pela direção escolar, quanto pelos professores e alunos, portanto é necessário pensar o caráter desses testes. Os Vestibulares e Olimpíadas, em sua maioria consistem em questões fechadas, que testam a capacidade de memorização e não o conhecimento crítico ou interpretativo. No caso da memorização de conhecimento em função de testes, apenas a memória de curta duração é ativada e de maneira superficial, o que torna o método de ensino de fundamental importância para o resultado final dos testes.

Dessa maneira, fez-se necessário pensar as seguintes questões: Qual é o método de ensino utilizado pelo professor? O método interfere no aprendizado, e de que maneira? Como avaliar a compreensão dos alunos após a mediação dos conhecimentos? Como avaliar as interferências do método no aprendizado? Qual a utilidade do conhecimento adquirido para a vida do aluno? Partindo dessas inquietações, iniciamos o processo de observação da atuação do professor em uma turma de alunos do terceiro ano do Ensino Médio da escola em questão. Para analisar a compreensão dos alunos após a mediação dos conhecimentos julgamos necessário elaborar um questionário fechado e individual que nos permitisse obter informações básicas sobre cada aluno sem constranger sua privacidade, que com a permissão da professora regente, pedimos aos alunos que respondessem.

Metodologia:

Ao analisar as respostas, pudemos criar um perfil da sala de aula em questão que nos serviria de amostra para nossas investigações. Chegamos ao seguinte perfil: a turma se divide entre dezessete e vinte anos, com 54% de meninas e 46% de meninos, cerca de 92% são solteiros e moram com os pais. 61% da turma se declara pardo, se dividem em maioria católicos, seguidos por evangélicos. 65% dos pais possuem Ensino Fundamental, contra 52% das mães, tendo mais mães com ensino médio do que pais. Cerca de 42% dos alunos trabalham ou trabalharam durante os estudos, 100% se declaram não racistas e 86% conhecem pessoas racistas, metade da turma já sofreu discriminação e tem escolha de profissão definida, cerca

de 88% tem acesso a internet e pretendem prestar vestibular ao concluir o Ensino Médio. Cerca de 96% habitam a zona urbana.

Para descobrir os métodos utilizados pelo professor regente, tivemos permissão de observar duas aulas de História. A partir dessa observação, constatamos que a professora utilizava a narrativa como método central e a utilização de exemplos cotidianos fazendo um paralelo com as atitudes tomadas por sujeitos históricos. Percebemos ainda que alguns alunos participavam da aula fazendo perguntas, então anotamos algumas perguntas e analisamos o teor de cada pergunta fazendo o seguinte questionamento: quais conhecimentos levaram o aluno a fazer essa pergunta? Segue um exemplo: **Por que os homens são tão inteligentes para construir armas de guerra e não de paz? Qual a lógica de se construir trincheiras durante a 1ª Guerra Mundial se os inimigos poderiam matar com aviões?** (nesse caso, o aluno não tinha conhecimento de que no início da guerra não era utilizados aviões)

Na segunda etapa, nos foi solicitado a coparticipação em sala de aula, com a tarefa de problematizar os assuntos. Para tal, analisamos o método utilizado pelo professor e as perguntas feitas pelos alunos nas aulas anteriores, para criarmos uma direção para as problematizações, desenvolvemos um método base, á saber: **apresentação de conceito > exemplificação do conceito no contexto histórico> discussão dos exemplos.**

A terceira etapa consistiu na elaboração de uma avaliação que permitisse analisar a compreensão dos alunos, sugerimos a professora regente a elaboração de dois tipos de avaliação, uma prova com questões fechadas, baseada no modelo dos vestibulares e uma proposta de redação, baseada no modelo do ENEM. Para avaliação das respostas criamos os seguintes critérios: Análise quantitativa dos resultados da prova fechada e análise qualitativa dos resultados da redação. Para a análise da redação, utilizamos os seguintes critérios: **Compreensão dos assuntos estudados / Disposição das idéias / Percepção de espaço e tempo / Competência em correlacionar acontecimentos.**

Resultados e discussões:

A análise dos resultados ficou disposta da seguinte maneira:

Gráfico 1 – Resultado Quantitativo Provas Fechadas 1º Semestre

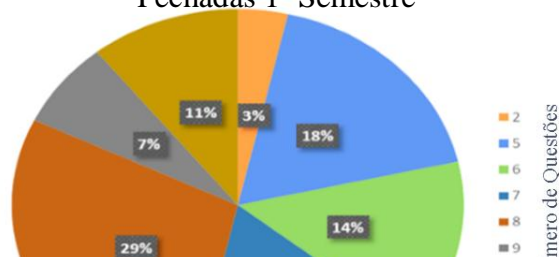


Gráfico 2 – Resultado Quantitativo Provas Fechadas 2º Semestre

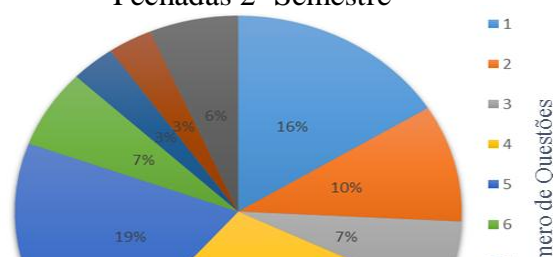


Gráfico 3 – Resultado Qualitativo
Redação 1º Semestre

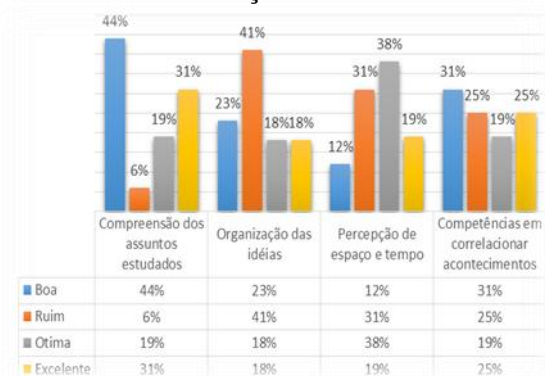
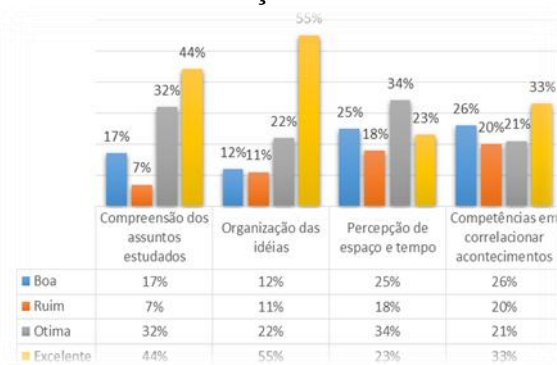


Gráfico 4 – Resultado Qualitativo
Redação 2º Semestre



No início do ano letivo os dados mostraram que houve uma boa apreensão de informações dos assuntos estudados, os alunos demonstram uma percepção de espaço e tempo razoável, assim como a competência em correlacionar acontecimentos foi razoavelmente boa. Porém, apresentaram certa dificuldade em organizar as ideias no corpo do texto das redações. Nos alunos que apresentaram níveis menores de organização das ideias foi possível detectar uma maior apropriação de orientações para a vida prática, no sentido de tomar as atitudes dos indivíduos estudados no passado como exemplo para ter ou não determinada atitude no presente (RÜSEN,2007), já os alunos com excelentes níveis de organização das ideias apresentam também bons níveis de criticidade e boa competência em correlacionar acontecimentos, mas suas escritas mascaravam seus posicionamentos individuais, de maneira que não era possível perceber de que maneira a apreensão dos conhecimentos lhes permitia elaborar orientações para sua vida.

No segundo semestre, os dados indicaram que os alunos tiveram um crescimento considerável em relação a apreensão de informações acerca dos assuntos estudados, com melhora razoável no que tende a percepção de espaço e tempo, bem como aprimoraram na escrita a disposição das ideias e desenvolveram as competências em correlacionar acontecimentos, porém em relação a questões fechadas, apresentaram um queda quantitativa no numero de acertos. A partir desta constatação ficou claro que os alunos apreendem informações através da metodologia do professor, porém se apropriam e as resignificam individualmente, de maneira singular, utilizando as informações para se direcionarem ao tempo que descartam informações que não tocam a sua sensibilidade. Este descarte possivelmente explica esta constatação

realizada ao fim do processo, pois segundo Rubens Alves (1994), quando o aluno estuda apenas com o objetivo de aprovação nos testes, depois de feitos os exames, cerca de 90% do conhecimento que é mediado durante anos nas escolas é descartado da memória, pois ela tende a guardar apenas o que faz sentido ou tenha utilidade para a vida prática dos indivíduos.

Conclusão:

A experiência investigativa, levou a conclusão, de que os alunos embora tenham a aprovação no vestibular como uma preocupação e uma motivação real, não apenas memorizam os assuntos estudados. O conhecimento histórico toca a sensibilidade dos alunos, de maneira que ao conhecerem os modos de vida dos homens do passado, refletem sobre ele, seja tomando-os como exemplo, seja criticando-os e comparando-os com atitudes tomadas pelos homens que vivem no presente, tornando a memória histórica orientadora da vida.

Doutro modo, tornou-se visível, que ao substituir o método de memorização do passado pela problematização da memória histórica, os alunos aumentaram sua criticidade e a capacidade de compreender a diversidade, tanto em suas falas como nas redações, mesmo com queda de desempenho nas provas em formato de vestibular. Concluindo-se que os conhecimentos formadores de consciência histórica, podem não ser capazes de atender as exigências rígidas dos exames vestibulares, tornando as demandas dos PCNs, incompatíveis com as demandas dos exames classificatórios.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Rubens. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Editora ARS Poética. 1994. 93p.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. **O Ensino da História a partir da Teoria de Jörn Rüsen**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – Ensino Médio**. Parte IV - Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 1999.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007, 159p.

RÜSEN, Jörn. **How to make sense of the past: salient issues of metahistory**. TD: The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa, 2007. / Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Traduzido por Pedro S. P. Caldas e Valdeci Araujo.